

Clube de Cinema-BA comemora trinta anos de muita luta

O Clube de Cinema da Bahia completa este ano trinta anos de existência, de luta em prol da formação de plateias, de afirmação do veículo cinematográfico como um meio de expressão cultural. Em sua trajetória encontrou e ainda encontra várias dificuldades mas, de qualquer maneira, apesar dos pesares, continua existindo embora na segunda metade da década de 60, tenha paralisado completamente suas atividades. No raiar dos anos 70 houve reformulação, o Clube reestruturou-se e desde então, sob a direção de Guido Aratijo, tem ofertado aos seus assíduos frequentadores uma variedade de obras importantes da cinematografia mundial, procurando defender sempre os interesses da indústria filmica nacional, colaborando na realização de diversas mostras internacionais e sempre presente no festival de curtas, as jornadas de setembro, acontecimento de projeção nacional.

O Clube de Cinema da Bahia é filho de Walter da Silveira, o saudoso ensaísta baiano que contribuiu sobremaneira para a formação de diversos homens hoje internacionalmente conhecidos na apreciação da arte filmica. Além de incansável cineclubista, Walter da Silveira pode ser considerado mestre da geração que nos forneceu o gênio expansivo e irrequieto de um Glauber Rocha, e muitos outros.

No auditório da Secretaria de Educação havia um velho projetor, quase sem uso, com perigo de queimar o filme. Mas foi com ele que se fez a primeira sessão do Clube de Cinema da Bahia em 27 de junho de 1950. Na fita inaugural, *Os visitantes da noite*, de Marcel Carné, existia uma cena de dança medieval em que por processo de técnica cinematográfica, os gestos e os sons se tornavam crescentemente lentos até vir a imobilidade geral dos atores: o público pensou num defeito de projetor, exprimindo seu desencanto por ver interrompida a estória num momento de tamanha beleza, mas logo depois sorria dele próprio ante o prosseguimento dramático, escreveu Walter da Silveira rememorando a partida das atividades cineclubistas na Bahia.

Ao fazer quinze anos em 1965, o Clube de Cinema da Bahia, reproduzindo os fatos de 1950, passou para o "Guarany". Novamente os espectadores viram ou reviram filmes que de outra forma não nos chegariam, duvidosos sempre os exibidores comerciais das possibilidades de gosto artístico do público. Retrospectivas e festivais voltaram a se programar com os meios ganhos através da participação do Clube nas rendas dos espetáculos.

Antes do "Guarany" e logo após ter saído do "Liceu de Artes e Ofícios", durante inícios da década de 60, o Clube funcionou no Museu de Arte Moderna, que funcionava no incendiado Teatro Castro Alves.

Com a morte de Walter da Silveira, as atividades cineclubistas ficaram paralisadas mais de um ano. Até que em 1971 um outro grupo de pessoas, tendo à frente Guido Aratijo, decidiu fazer ressurgir o Clube de Cinema. Inspirado nas matrizes do passado e procurando atualizar suas programações dentro do contexto moderno, a entidade promoveu exibições de filmes de várias categorias e gêneros.

Agora ao completar 30 anos o Clube da Bahia apresenta os destaques do cinema brasileiro dos últimos 30 anos. A primeira fase, década de 50, está sendo exibida desde ontem. Constam da programação durante o mês de março os filmes:

3 e 4 — Canto da Saudade — 1952. dir. Humberto Mauro e Tico-Tico no Fubá — 1952. Dir. Adolfo Celi; 10 e 11 — O Cangaceiro — 1953. dir. Lima Barreto e Sinhá Moça — 1953. dir. Tom Payne e O. Sampaio; 17 e 18 — Floradas na Serra — 1954. dir. Luciano Salce e Candinho — 1954. dir. Abílio Pereira de Almeida; 24 e 25 — Rio 40 Graus — 1955. dir. Nelson Pereira dos Santos e Rio Zona Norte 1975. dir. Nelson Pereira dos Santos; 31 e 01 — O Grande Momento — 1958. dir. Roberto Santos e Estranho Encontro — 1958. dir. Walter Hugo Khoury. No cine teatro do ICBA, às 19:00 e 21:00 horas.